

Autor: Pedro Manuel Mário

Ano de lançamento: 23/11/2026

Categoria: Leitura

RENÚNCIA

A ARTE DE ESCOLHER O QUE REALMENTE IMPORTA

"Uma sociedade equilibrada também se constrói a partir daquilo a que os seus cidadãos são capazes de renunciar."

Há uma realidade da qual ninguém consegue escapar: viver é, inevitavelmente, escolher... e escolher significa, muitas vezes, renunciar.

Por mais que tentemos abraçar todas as possibilidades, não podemos ter tudo, fazer tudo e estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Cada decisão abre determinadas portas, mas também fecha outras, e cada caminho escolhido implica, de alguma maneira, deixar outros por percorrer.

Curiosamente, embora a renúncia seja um princípio fundamental da fé cristã, vale compreender que a sua presença ultrapassa largamente os limites da crença religiosa. Ela está nas nossas relações, nas famílias, nas empresas, nas instituições, nas amizades e nas pequenas decisões que tomamos diariamente. Todo o dia cada um de nós tem renunciado.

Há quem renuncie à constituição de uma família em nome de uma carreira profissional, outros colocam em risco oportunidades profissionais para acompanhar uma gravidez, cuidar dos filhos ou preservar o casamento. Há quem renuncie ao próprio orgulho para pedir perdão, enquanto outros preferem perder uma amizade, um casamento ou uma relação familiar a reconhecer que também erraram.

Uns renunciam ao conforto para ajudar alguém em dificuldades, outros renunciam à integridade para alcançar posições, dinheiro ou reconhecimento, o que tem se tornado cada vez mais frequente no nosso país, Angola. Há

quem abdique de uma vantagem pessoal para que muitos sejam beneficiados e há quem sacrifique o bem colectivo para satisfazer interesses particulares.

Percebe-se, portanto, que a questão nunca foi simplesmente renunciar, a verdadeira questão é: a que estamos a renunciar e em nome de quê? Nem toda renúncia representa uma virtude em si... renunciar à honestidade para conseguir uma promoção, à responsabilidade para satisfazer desejos pessoais ou aos princípios para conquistar aprovação é também renunciar, mas com consequências profundamente prejudiciais.

Da mesma forma, não devemos confundir renúncia com negligência das nossas próprias necessidades, aceitação de injustiças ou permanência em situações de abuso. Saber o que não devemos sacrificar também é sinal de maturidade.

A vida exige discernimento, caro leitor... Precisamos de saber o que merece ser preservado e aquilo de que precisamos de abrir mão.

Na fé cristã, encontramos em Jesus Cristo o maior exemplo de renúncia. O Filho de Deus não viveu em função da autopreservação, do prestígio ou da satisfação dos seus próprios interesses, muito pelo contrário, Filipenses 2:5-8 apresenta-nos a profundidade da sua humilhação: *"assumiu a forma de servo e foi obediente até à morte, e morte de cruz."*

Jesus não apenas ensinou sobre renúncia; viveu-a. E continua a ser o nosso maior referencial. Quando nos chama a negar a nós mesmos, tomar a nossa cruz e segui-lo (Lucas 9:23), convida-nos a abandonar uma existência centrada exclusivamente no ego para abraçarmos uma vida orientada pela vontade de Deus.

Mas há uma dimensão desta realidade que merece particular atenção: renunciar a nós mesmos também pode significar aprender a viver para além de nós. Aqui recordo Clóvis de Barros Filho que popularizou uma reflexão que merece ser considerada: "O filé mignon da vida é uma vida vivida para os outros." Que extraordinário seria se, no final de cada dia, para além de contabilizarmos o dinheiro que ganhámos, os compromissos que cumprimos e os objectivos que alcançámos, também conseguíssemos reconhecer que fomos uma bênção na vida de alguém!

Que ajudámos alguém a encontrar uma solução para um problema, que oferecemos tranquilidade a uma pessoa angustiada, que perdoámos quando tínhamos razões para alimentar ressentimentos, que partilhámos o pouco que tínhamos, que fomos justos quando poderíamos ter tirado vantagem, que escolhemos fazer o bem mesmo quando ninguém estava a observar.

Talvez este seja um dos maiores indicadores de uma vida verdadeiramente significativa: compreender que a nossa existência não deve ser medida apenas pelo que conseguimos acumular, mas também pelo bem que conseguimos proporcionar aos outros.

Vivemos, entretanto, numa época marcada pelo imediatismo. Queremos resultados rápidos, reconhecimento imediato, satisfação sem espera e conquistas sem grandes sacrifícios. Na procura incessante pelo que desejamos, corremos o risco de sacrificar aquilo que realmente tem valor.

Sacrificamos a convivência familiar em nome do trabalho, a honestidade em nome do lucro, a qualidade em nome da rapidez, a verdade em nome da popularidade e os princípios em nome das oportunidades.

E, por vezes, quando finalmente alcançamos aquilo que tanto procurávamos, percebemos que perdemos coisas que o dinheiro, a fama ou o reconhecimento não conseguem devolver.

Esta reflexão também nos interpela enquanto sociedade angolana. O desenvolvimento de um país não depende exclusivamente das suas riquezas naturais, das infra-estruturas, dos investimentos ou do crescimento económico, depende, igualmente, da qualidade moral e ética dos seus cidadãos.

Precisamos de uma sociedade em que as pessoas sejam capazes de renunciar à corrupção, à desonestidade, ao egoísmo, à impunidade, à vantagem indevida e à indiferença perante o sofrimento do próximo.

Precisamos de profissionais que não sacrifiquem a ética para alcançar resultados; de líderes que renunciem aos interesses particulares em benefício do bem comum; de cidadãos que compreendam que os seus direitos não anulam os seus deveres.

Uma sociedade equilibrada não é aquela em que todos conseguem satisfazer os seus interesses, mas aquela em que os interesses individuais encontram limites no respeito pela dignidade, pelos direitos e pelo bem-estar dos outros.

Talvez seja tempo de fazermos uma pergunta que parece simples, mas cuja resposta pode revelar muito sobre a nossa maneira de viver:

Caro leitor, a que tem renunciado?

Tem renunciado ao orgulho para preservar relações saudáveis ou à verdade para evitar confrontos? Ao egoísmo para servir ou aos princípios para conseguir vantagens? Ao conforto para fazer o que é correcto ou à responsabilidade para continuar a viver como se as suas escolhas não tivessem consequências?

E, sobretudo, onde o estão a levar as renúncias que tem abraçado?

Afinal, não basta renunciar, é preciso saber renunciar. Porque algumas renúncias custam-nos coisas que

julgávamos indispensáveis, mas aproximam-nos daquilo que realmente importa, outras proporcionam-nos conquistas imediatas, mas afastam-nos dos nossos valores, da nossa essência e, por vezes, das pessoas que mais amamos.

Renunciar também é uma escolha, nosso desejo é que as nossas escolhas não nos façam conquistar o mundo e perder aquilo que verdadeiramente dá sentido à vida. Esta reflexão nasce também de uma convicção que desenvolvo na minha obra "Renúncia: Um Pilar da Fé Cristã", espero que já tenhas lido. Seguir a Cristo exige compreender que nem tudo aquilo a que temos direito deve ser necessariamente aquilo que escolhemos fazer.

Pedro Mário